

# Identidade Romana e Contemporaneidade

Nuno Simões Rodrigues

Ália Rodrigues

(Coords.)



# HVMANITAS SVPPLEMENTVM • ESTUDOS MONOGRÁFICOS

ISSN: 2182-8814

**Apresentação:** esta série destina-se a publicar estudos de fundo sobre um leque variado de temas e perspectivas de abordagem (literatura, cultura, história antiga, arqueologia, história da arte, filosofia, língua e linguística), mantendo embora como denominador comum os Estudos Clássicos e sua projeção na Idade Média, Renascimento e receção na atualidade.

Breve nota curricular sobre a Coordenação do volume

Nuno Simões Rodrigues é Doutor em Letras, na especialidade de História da Antiguidade Clássica, é Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde leciona matérias relacionadas com a Antiguidade Clássica, em graduações e pós-graduações. Investigador dos Centros de História e de Estudos Clássicos da ULisboa e de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, tem dedicado a sua investigação à História Cultural da Grécia Antiga (mito, religião e teatro) e à História Social e Política da Roma Antiga (finais da República e inícios do Principado). A receção da Antiguidade Clássica no cinema e na banda desenhada tem também merecido a sua atenção como investigador. Traduziu Eurípidés (*Alceste e Ifigénia entre os Tauros*), Plutarco (*Coriolano*) e algumas das vidas da *História Augusta*. De momento, trabalha na tradução da *Vida de António* de Plutarco.

Ália Rodrigues é doutorada pela Universidade de Coimbra em Estudos Clássicos e é atualmente investigadora pós-doutoranda no Projecto BioRom sediado no Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.

Nos últimos anos tem trabalhado sobretudo na área de história intelectual das ideias políticas, focando-se nas tradições políticas grega e romana.

SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM  
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

**ESTRUTURAS EDITORIAIS**  
SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM  
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

ISSN: 2182-8814

**DIRETOR PRINCIPAL**  
MAIN EDITOR

Delfim Leão  
Universidade de Coimbra

**REVISÃO**  
REVIEW

Guilherme Marques  
Universidade de Coimbra

**COMISSÃO CIENTÍFICA**  
EDITORIAL BOARD

**Antonio Duplá Ansuategui**  
(Universidad del País Vasco)

**Cláudia A. Teixeira**  
(Universidade de Évora)

**Fernando Wulff Alonso**  
(Universidad de Málaga)

**José Cardoso Bernardes**  
(Universidade de Coimbra)

**José Damião Rodrigues**  
(Universidade de Lisboa)

**Maria Alexandre Lousada**  
(Universidade de Lisboa)

**Maria Cristina de Sousa Pimentel**  
(Universidade de Lisboa)

**Maria João Baptista Neto**  
(Universidade de Lisboa)

**Maria Manuela Tavares Ribeiro**  
(Universidade de Coimbra)

**Martin M. Winkler**  
(George Mason University)

**Paola S. Salvatori**  
(Scuola Normale Superiore – Pisa  
e Università degli Studi Roma Tre)

**Paula Morão**  
(Universidade de Lisboa)

**Raquel Henriques da Silva**  
(Universidade Nova de Lisboa)

**Sérgio Campos Matos**  
(Universidade de Lisboa)

# Identidade Romana e Contemporaneidade

Nuno Simões Rodrigues  
Ália Rodrigues  
(coords.)



SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM  
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

TÍTULO TITLE

IDENTIDADE ROMANA E CONTEMPORANEIDADE  
ROMAN IDENTITY AND CONTEMPORANEITY

COORD. ED.

Nuno Simões Rodrigues  
Ália Rodrigues

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra University Press

[www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)

Contacto Contact  
[imprensa@uc.pt](mailto:imprensa@uc.pt)

Vendas online Online Sales  
<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial Editorial Coordination  
Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics  
Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics  
Jorge Neves

Impressão e Acabamento Printed by  
KDP

ISSN  
2182-8814

ISBN  
978-989-26-2479-2

ISBN Digital  
978-989-26-2480-8

DOI  
<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2480-8>



CENTRO DE ESTUDOS  
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS  
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Unidade de I&D financiada por **fct** Fundação para a Ciência e a Tecnologia Projeto UIDB/00196/2020 Criado em 1967

**FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
POCI/2010

Trabalho produzido no âmbito do projeto *Rome our Home: (Auto)biographical Tradition and the Shaping of Identity(ies)* (PTDC/LLT-OUT/28431/2017). Financiado pelo Projeto Geral do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra (UIDB/00196/2020 e UIDP/00196/2020)

© Outubro 2023

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Classica Digitalia Universitatis Conimbrigenis  
<http://classicaldigitalia.uc.pt>  
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos  
da Universidade de Coimbra

# IDENTIDADE ROMANA E CONTEMPORANEIDADE

## ROMAN IDENTITY AND CONTEMPORANEITY

COORDENADORES EDITORS

Nuno Simões Rodrigues

Ália Rodrigues

FILAÇÃO AFFILIATION

Universidade de Lisboa

Universidade de Coimbra

RESUMO

Este conjunto de ensaios e de estudos pretende oferecer ao leitor uma perspectiva sistematizada da presença e influência da cultura romana, sobretudo ao nível das problemáticas da identidade, na contemporaneidade, entendendo-se aqui por “contemporânea” a realidade histórica que se segue à Revolução Francesa, no final do século XVIII. Deste modo, reúnem-se estudos que abrangem realidades políticas e institucionais, mas também historiográficas e artísticas, da Literatura, às Artes Plásticas e ao Património. Os textos reunidos centram-se sobretudo na realidade portuguesa, mas incluem-se também reflexões mais abrangentes que têm como horizonte a Europa e os EUA.

PALAVRAS-CHAVE

Identidade Romana, Estudos de Receção, Roma Antiga, Contemporaneidade

ABSTRACT

This set of essays aims to offer the reader a systematized perspective of the presence and influence of Roman culture, especially at the level of identity issues, in contemporaneity, “contemporaneous” being understood here as the historical reality that followed the French Revolution, at the end of the 18th century. The studies brought together cover political and institutional realities, but also historiographical and artistic topics, from Literature to Fine Arts and Heritage. The collected texts focus mainly on the Portuguese reality, but also include broader reflections such as Europe and the USA.

KEYWORDS

Roman Identity, Reception Studies, Ancient Rome, Contemporaneity

## COORDENADORES

### **Nuno Simões Rodrigues**

Doutor em Letras, na especialidade de História da Antiguidade Clássica, é Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde leciona matérias relacionadas com a Antiguidade Clássica, em graduações e pós-graduações. Investigador dos Centros de História e de Estudos Clássicos da ULisboa e de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, tem dedicado a sua investigação à História Cultural da Grécia Antiga (mito, religião e teatro) e à História Social e Política da Roma Antiga (finais da República e inícios do Principado). A receção da Antiguidade Clássica no cinema e na banda desenhada tem também merecido a sua atenção como investigador. Traduziu Eurípides (*Alceste* e *Ifigénia entre os Tauros*), Plutarco (*Coriolano*) e algumas das vidas da *História Augusta*. De momento, trabalha na tradução da *Vida de António* de Plutarco.

### **Ália Rodrigues**

Ália Rodrigues é doutorada pela Universidade de Coimbra em Estudos Clássicos e é atualmente investigadora pós-doutoranda no Projecto BioRom sediado no Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos.

Nos últimos anos tem trabalhado sobretudo na área de história intelectual das ideias políticas, focando-se nas tradições políticas grega e romana.

# CONTENTS ÍNDICE

INTRODUÇÃO	9
Nuno Simões Rodrigues, Ália Rodrigues	
I. DA HISTÓRIA	
BUILDING A NEW POLITICAL MODEL: LESSONS FROM THE ROMAN REPUBLIC	19
Clelia Martinez Maza	
O REGRESSO ÀS ORIGENS DO CRISTIANISMO NO ALVOR DO PROTESTANTISMO PORTUGUÊS: A PROBLEMÁTICA DA IDENTIDADE ROMANA NA IMAGÉTICA PROTESTANTE OITOCENTISTA	39
Rita Mendonça Leite	
IMPERIALISMO, LATINIDADE E ROMANIDADE NO NORTE DE ÁFRICA FRANCÊS E ITALIANO	67
Vasco Mantas	
II. DA HISTÓRIA E DA HISTORIOGRAFIA	
OS HISTORIADORES OITOCENTISTAS PORTUGUESES E A ROMANIZAÇÃO	133
André Teixeira	
A APROPRIAÇÃO DE VIRIATO (E DOS LUSITANOS) NO SÉC. XIX EM PORTUGAL	163
Amílcar Guerra	
III. DA HISTÓRIA, DA LITERATURA E DA FILOGIA	
AS «FONTES INEXAURÍVEIS DOS ESCRITORES DA ANTIGUIDADE» NA <i>HISTÓRIA DA REPÚBLICA ROMANA</i> (1885), DE J. P. OLIVEIRA MARTINS	191
Ricardo Nobre	
ESTUDOS DA VIDA ROMANA E NOTAS MEMORIALÍSTICAS EM <i>Os DOIS PLÍNIO</i> DE JÚLIO DE CASTILHO	219
Virgínia Soares Pereira	
CATÃO – UMA MEMÓRIA NA RIBALTA. ABORDAGEM DE <i>CATÃO, UMA TRAGÉDIA</i> DE JOSEPH ADDISON	243
Adelaide Meira Serras	
A TRAGÉDIA <i>CATÃO</i> DE ALMEIDA GARRETT. O SEU DÉBITO A PLUTARCO	265
José Ribeiro Ferreira	

#### IV. DA HISTÓRIA, DA ARTE E DO PATRIMÓNIO

CLASSICISMO, ARTE E IDENTIDADE PORTUGUESA Nuno Rosmaninho	277
“ESPÍRITO CLÁSSICO” NO PLANO DE RENOVAÇÃO DA CIDADE DE LISBOA Paula André Paulo Simões Rodrigues	299
O VALOR E O SIGNIFICADO DOS VESTÍGIOS DA ARQUITECTURA ROMANA EM PORTUGAL NO TEMPO DO MEDIEVALISMO (1836-1910) Paulo Simões Rodrigues	323
SPANISH MODERNITY AND ROMAN ANTIQUITY: BETWEEN THEATRICAL REVIVAL AND POLITICAL TRANSFORMATION (1920-1944) Vasileios Balaskas	353
<i>TULLIA FEROX</i> NA PINTURA PORTUGUESA DE OITOCENTOS Nuno Simões Rodrigues	375
TEMAS ROMANOS NAS DECORAÇÕES DAS CIDADES UNIVERSITÁRIAS DE LISBOA E DE COIMBRA Ana Mehnert Pascoal	407

**O REGRESSO ÀS ORIGENS DO CRISTIANISMO NO ALVOR  
DO PROTESTANTISMO PORTUGUÊS: A PROBLEMÁTICA  
DA IDENTIDADE ROMANA NA IMAGÉTICA  
PROTESTANTE OITOCENTISTA**

RITA MENDONÇA LEITE

Centro de Estudos de História Religiosa

Universidade Católica Portuguesa

Centro de História

Universidade de Lisboa

ORCID: 0000-0003-2344-0554

ritamendoncaleite@ucp.pt

**RESUMO** O presente artigo pretende analisar a problemática da receção do tema da Roma Antiga no horizonte do protestantismo português oitocentista. Essa reflexão estrutura-se em três pontos: um primeiro, onde se procura desenvolver uma síntese de natureza teórica sobre as origens do cristianismo reformado em geral e do protestantismo português em particular; um segundo, centrado na análise da obra de Benjamin Scott – *As Catacumbas de Roma* – uma fonte essencial para o estudo da receção da identidade romana no século XIX, quer pela influência que exerceu no período em que foi primeiramente editada quer através das edições e traduções de que foi objeto posteriormente, designadamente em português; e um último e terceiro ponto sobre a problemática da identidade romana na imagética protestante portuguesa, através de uma prospeção junto da imprensa periódica evangélica. Procuraremos refletir sobre o modo como, no contexto do protestantismo português, o diálogo com a Antiguidade Clássica se desenvolveu num âmbito amplo: da busca permanente de uma reforma por via do regresso a um “cristianismo puro e primitivo”; da utilização de referências culturais basilares da civilização clássica e por via da demarcação e distanciamento do “cristianismo verdadeiro” em relação ao paganismo romano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Reforma, Protestantismo, Romanismo, Paganismo, Revivalismo.

**ABSTRACT** The present article aims to discuss the reception of the theme of Ancient Rome in the 19<sup>th</sup> century Portuguese Protestantism. This study is structured in three points: the first one aims at developing a theoretical synthesis on the origins of Reformed Christianity in general and of Portuguese Protestantism in particular; the second one focuses on the analysis of Benjamin Scott’s work – *The contents and teachings of the Catacombs at Rome* – an essential source for the study of the reception of Roman identity in the 19<sup>th</sup> century, both for the influence it had in the period when it was first published and through the subsequent editions and translations, namely in Portuguese; and a final and third point on the place of Ancient Rome in Portuguese Protestant imagetics, through a survey of the evangelical periodical press. We will examine the way in which, in the context of Portuguese Protestantism, the dialogue with classical antiquity was carried out in a broad context: the permanent search for

O regresso às origens do cristianismo no alvor do protestantismo português: a problemática da identidade romana na imagética protestante oitocentista

reform through the return to a “pure and primitive Christianity”; the use of basic cultural references from the Classical Civilization and the marked differentiation between “true Christianity” and Roman paganism.

KEYWORDS: Reformation, Protestantism, Romanism, Paganism, Revival.

## 1. REFORMA E PROTESTANTISMO

Inaugurada como movimento no século XVI e impulsionada por figuras como Martinho Lutero (1483-1546), João Calvino (1509-1564) e, posteriormente, John Wesley (1703-1791), a Reforma protestante teve antecedentes fundamentais na medievalidade e prolongou-se muito para lá do período quinhentista, com raízes e ramificações estruturadas na discussão sobre questões centrais na prática do cristianismo como as mediações, os sacramentos e a liturgia, integradas num debate teológico amplo sobre os problemas fundamentais da Graça e da Salvação. Desenvolvendo-se como um processo longo e geograficamente abrangente, a Reforma protestante teve no universo germânico o seu epicentro inicial, mas rapidamente se estendeu aos ambientes francófono e anglo-saxónico, tendo, a partir do século XVII e XVIII, conhecido um enorme desenvolvimento tanto na Europa continental, como no Reino Unido e crescentemente na América do Norte e, sobretudo a partir dos séculos XIX e XX, no contexto dos continentes africano e asiático.

A multiplicidade de igrejas cristãs surgidas e desenvolvidas a partir da Reforma, que nos permitem referir-nos ao cristianismo protestante como um todo, tem um fundamento unitário, sedimentado em torno da divisa *sola gratia, sola fide, sola scriptura*. Sobre a valorização da Graça, da Fé e das Escrituras, formularam-se, recompuseram-se e renovaram-se concepções eclesiológicas e cristológicas que nos permitem porém definir a diversidade como característica fundamental do cristianismo protestante logo desde a sua origem. Na primeira e segunda fases da Reforma protestante, que dariam lugar àquilo que hoje designamos como o luteranismo e o calvinismo, sistematizaram-se os grandes princípios reformadores: o sacerdócio universal pelo batismo, a justificação pela fé e a autoridade das Escrituras. Desse núcleo surgiria a expansão da constelação protestante<sup>1</sup> impulsionada pela valorização do Evangelho e de meios fundamentalmente espirituais em substituição da Tradição e dos canais sacramentais e pela ênfase da inspiração pneumológica do crente cristão. O não-conformismo, nas suas múltiplas formas – anabatista, batista, *quaker*, metodista – desenvolver-se-ia ao longo dos séculos XVII e XVIII, expandindo-se em novas fronteiras e dando posteriormente lugar aos revivalismos que, no século XIX, fariam surgir correntes como o pentecostalismo e o evangelicalismo.

---

<sup>1</sup> Vinculados à expressão cunhada por Émile Poulat: a “galáxia Jesus” (cf. Poulat 1994).

No caso específico português, o protestantismo desenvolveu-se não a partir de uma dissidência religiosa surgida do universo hegemónico católico, mas da missão evangélica oitocentista, estruturando-se fundamentalmente como um movimento de importação. Na verdade, o cristianismo português preservou e reforçou até, no século XVI, a sua natureza católica romana, integrando ainda, nessa fase, uma vertente tridentina que se tornaria igualmente importante. Deste modo, a implantação de igrejas protestantes em Portugal não foi contemporânea da Reforma e uma influência substancial da mesma só teve efeitos tardiamente, a partir do século XVIII e, sobretudo, a partir do século XIX. Nessa cronologia, influiu decididamente o papel da Igreja Católica e da aplicação do Concílio de Trento na preservação e fortalecimento do catolicismo romano peninsular e na luta contra a entrada das correntes protestantes no país, mas também a própria estratégia de desenvolvimento destas igrejas que só a partir do contexto das revoluções liberais começaram a perspetivar a Península Ibérica como potencial espaço de missão.

O estudo da problemática do cristianismo protestante estrutura-se numa utensilagem conceptual nem sempre consensual e dificilmente passível de gerar unanimidade em termos globais, porque muitas vezes variável de acordo com o percurso específico do protestantismo em regiões distintas – nuns espaços em pleno processo de expansão e em situação maioritária, noutros com desenvolvimento restrito e em situação minoritária – e com os diferentes contextos historiográficos – uns altamente especializados e equipados com um vocabulário que teve que se complexificar para acompanhar aquela expansão, outros lidando com realidades mais uniformizadas e com menores exigências em termos de desdobramentos tipológicos e conceptuais. Neste artigo, a utilização equiparada dos significantes “protestante”, “evangélico” ou “reformado” resulta essencialmente da aplicação dos conceitos utilizados nas fontes sobre a história do protestantismo em Portugal, onde aqueles termos são empregues como sinónimos pelos diferentes agentes: o primeiro reportando-se à posição dos cristãos seguidores de Lutero que, no âmbito da Dieta de Spira (1529), “protestaram” contra a sua condenação e conseqüente excomunhão; o segundo ao lugar central ocupado pelos Evangelhos no seio daqueles correntes; e o terceiro ao processo da Reforma onde essas comunidades tiveram origem.

Importa ainda esclarecer que o conceito de “reforma” não é naturalmente exclusivo do cristianismo protestante. Analisando a história da Reforma e Contrarreforma, autores como Jean Delumeau, no âmbito da historiografia francófona, ou Diarmaid MacCullough, em contexto historiográfico anglo-saxónico, apresentam visões alternativas, mas aproximadas, na análise daqueles conceitos, alocando-os especificamente aos séculos XVI a XVIII. Delumeau perspetiva a Reforma e a Contrarreforma – aquilo que designa como a Reforma protestante e a Reforma católica – como dois aspetos de um mesmo movimento: uma dinâ-

O regresso às origens do cristianismo no alvor do protestantismo português: a problemática da identidade romana na imagética protestante oitocentista

mica ampla de cristianização<sup>2</sup>. MacCullough, por sua vez, atento à multiplicidade de reformas encetadas a partir do século XVI, utiliza o termo no singular – “Reformation” – procurando por essa via, conforme explica, “embrace both Protestantism and the religious movements commonly known as Tridentine Catholicism, the Catholic Reformation or Counter-Reformation: the revitalized part of the old Church which remained loyal to the Pope”<sup>3</sup>.

Na verdade, o cristianismo conheceu, desde a sua origem, e até aos dias de hoje, diferentes reformas. Conforme explica Bernard Cottret, não existe cristianismo sem o constante apelo do retorno às origens, não existe anúncio do Evangelho sem contestação, pelo que:

L'idéal réformateur, qui divise les chrétiens, est paradoxalement leur bien commun. Ce qui rapproche est aussi ce qui divise. Pa plus que la vérité, la Réforme ne saurait constituer un monopole. Du moins si on lui garde son sens original de retour aux sources ; ré – former, c'est reformer, en revenir à l'enseignement même du Christ ou des apôtres. La *reformatio* est originellement *renovatio*, 'renouvellement' plus que rupture.<sup>4</sup>

Essa componente “renovadora” tendeu, porém, no campo católico romano a desenvolver-se no âmbito eminentemente prático e disciplinar, ao passo que no universo protestante se reforçou no campo doutrinal. Menos restrita pela inalterabilidade que aproximações de tipo dogmatizante implicam, a Reforma protestante representou uma convulsão no conteúdo da própria fé, ratificando o surgimento de novas confissões religiosas apresentadas como dinâmicas de regressos à crença original do cristianismo, aos tempos apostólicos e, enfim, à fé evangélica . Nesse sentido, o movimento da Reforma protestante pode ser observado simultaneamente como “la republication du christianisme primitif et l'inauguration du christianisme moderne”<sup>5</sup>. Dessa especificidade resulta também a singularidade da reforma protestante, reveladoramente traduzida na vulgarização da identificação destes momento e movimento específicos com maiúscula e antecidos do artigo definido: “a Reforma”.

Esse acontecimento deu origem àquilo que hoje designamos como protestantismo. Como explica Jean Baubérot, na sequência do “momento Lutero e Calvino”, o movimento institucionalizou-se, a rutura deu lugar à organização, o protesto consolidou poderes e a heresia gerou novas ortodoxias. A natureza multiforme do protestantismo surgiria precisamente da reforma permanente desse processo:

---

<sup>2</sup> Cf. Delumeau 1994: 138.

<sup>3</sup> MacCullough, 2004: xix.

<sup>4</sup> Cottret 2001: 9.

<sup>5</sup> Cottret 2001: 10.

L'histoire du protestantisme sera jalonnée de 'retours à la Réforme', de réformes nouvelles : dissidences, Réveils, voire nouveaux théologiques. Il s'agira de continuer les mises en question de la Réforme ou de retrouver sa pureté, son souffle en deçà des 'trahison' et de la 'tiédeur' du protestantisme installé, établi.<sup>6</sup>

Dali resulta também a discrepância entre a dinâmica organicista do catolicismo romano e os mecanismos de reprodução desmultiplicadores do protestantismo, o que constitui uma das clivagens fundamentais entre ambos. Se o catolicismo romano tende a integrar, no âmbito de limites doutrinários claramente definidos, a diversidade de práticas e crenças católicas; o cristianismo evangélico tende, por sua vez, a expandir-se não pela via da integração mas de um processo de desmultiplicação. No contexto do protestantismo, o crescimento das comunidades faz-se pela via da criação progressiva de denominações autónomas que acabam, também elas, por via da fragmentação – e não do desaparecimento – por dar lugar a novas igrejas, aquilo que alguns autores designam como “cissiparidade fragmentária”<sup>7</sup>, uma verdadeira dinâmica sociológica no campo protestante. Esse meio de reprodução espoletou nos núcleos católicos críticas repetidas em relação à chamada “deterioração” do protestantismo, um discurso repetido na literatura antiprotestante em Portugal, onde aquela tendência para a diversificação se revelou precocemente em comunidades cedo divididas em diversas correntes resultantes de diferenças eclesiológicas, cristológicas e doutrinárias.

Alicerçado na estruturação do cristianismo evangélico na sua globalidade, na missão e influência estrangeiras em Portugal, e em posições religiosas defensoras de uma regeneração espiritual – vinculada às origens do Cristianismo também por via da Reforma do século XVI – o protestantismo português acabou então por se estruturar na segunda metade do século XIX, resultando na consolidação de uma minoria religiosa com uma expressão sociológica significativa, desde logo por quebrar a imagética da hegemonia do catolicismo romano em Portugal<sup>8</sup>. Apesar da sua diversidade – presbiterianos, metodistas, episcopais, congregacionais, batistas – essas comunidades podem ser simultaneamente perspectivadas como uma unidade, assente nos princípios anterior-

---

<sup>6</sup> Baubérot 1978: 8.

<sup>7</sup> Um termo importado da biologia e cunhado como categoria sociológica por um dos primeiros historiadores do protestantismo em Portugal: Eduardo Moreira na obra *Vidas Convergentes: história breve dos movimentos de reforma cristã em Portugal a partir do século XVIII* (cf. Moreira 1958).

<sup>8</sup> Para uma análise das relações entre católicos romanos e protestantes em Portugal na transição do século XIX para o século XX veja-se Leite 2009.

mente referidos mas também na autodefinição dos seus membros como parte integrante de um movimento evangélico comum.

Nos primeiros estudos elaborados em Portugal sobre a história do protestantismo, desenvolvidos por membros das comunidades pioneiras, fica evidente a perspectiva de integração e legitimação do movimento evangélico português numa história longa de reforma, descrita em obras como *A Reforma em Portugal*, de Diogo Cassels<sup>9</sup>, publicada em 1906, *Crisóstomo Português. Elementos para a história do púlpito* e *Vidas Convergentes. História Breve dos Movimentos de Reforma Cristã em Portugal, a partir do século XVIII*, as duas últimas da autoria de Eduardo Moreira, publicadas em 1957 e 1958, respetivamente<sup>10</sup>.

Diogo Cassels, recuava aos primeiros séculos da história do cristianismo, situando ali a existência na Península Hispânica de uma Igreja Cristã fundada, segundo a tradição, por S. Paulo e S. Tiago. Regozijando-se com o facto de “no tempo das perseguições dos imperadores romanos contra o cristianismo não [terem faltado] na nossa pátria intrépidos seguidores da verdade, que selaram com o seu sangue a profissão da santa fé de Jesus Cristo”<sup>11</sup>, o autor descrevia seguidamente uma “igreja primitiva da Península Hispânica” ou “igreja antiga” que “não era só cristã, mas ortodoxa, Católica e Apostólica”<sup>12</sup> combatendo a “idolatria”, os “espetáculos ferozes” e o “adultério”, e que “não reconhecia a supremacia da Sé de Roma”<sup>13</sup>, sendo que os seus bispos dirigiam e governavam as suas igrejas através de sínodos locais.

Nos estudos de Eduardo Moreira, procurava-se, primeiramente, estudar a influência do púlpito cristão na sociedade portuguesa, perscrutando-se na

---

<sup>9</sup> James Cassels (1844-1923), conhecido em Portugal como Diogo Cassels, foi um industrial de origem britânica que desenvolveu no norte do País uma importante atividade de evangelização protestante, tendo sido o fundador da primeira congregação metodista em Portugal e o financiador da construção do primeiro templo protestante no nosso país: a capela do Torne (1868). No ano de 1880 acabaria por ingressar na Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica, então inaugurada em Lisboa.

<sup>10</sup> Eduardo Henriques Moreira (1886-1980) é um ponto de referência fundamental para o movimento evangélico em Portugal, o que resulta não apenas da sua atividade como pastor protestante mas também como professor de Teologia, historiador, ideólogo e político. A sua ação estendeu-se aos campos da pregação evangélica, do jornalismo, da literatura, da investigação histórico e da intervenção política durante a I República. No âmbito da prática religiosa, para além da sua atividade como pastor, desenvolvida nas diferentes igrejas que integrou, Eduardo Moreira foi também: representante de Portugal em diversos congressos na Europa, no Brasil e nos Estados Unidos; um dos fundadores do escotismo em Portugal; membro fundador da Associação Cristã da Mocidade; secretário e, posteriormente, presidente da Aliança Evangélica Portuguesa; diretor e docente de diferentes escolas dominicais; e professor no Seminário Teológico Presbiteriano de Carcavelos.

<sup>11</sup> Cassels 1906: 5.

<sup>12</sup> Cassels 1906: 6.

<sup>13</sup> Cassels 1906: 7.

“Igreja tradicional [...] os movimentos regressivos e retificadores surgidos em qualquer época”<sup>14</sup>, e num segundo momento analisar-se “o despontar lento e irregular da Igreja num plano reformado, cujas vicissitudes se emparelham com as da Igreja dos primeiros séculos peninsulares, e cujas aspirações são fatalmente combatidas pela couraça das tradições criadas”<sup>15</sup>. Na prossecução deste segundo objetivo, Moreira dialogava também com autores clássicos, sinalizando-o desde logo no título do estudo, conforme explica no “Proémio”:

Quanto ao título particular da obra presente, devemos ao leitor uma explicação. Plutarco chamou ‘Vidas Paralelas’ às suas biografias de varões ilustres. Dentro do pensamento pagão estava o grande biógrafo nobremente certo. O génio pagão não poderia descobrir outra grandeza ou excelssitude além das de vidas caminhando a par [...]. Que são, de facto, as grandes vidas seguras em si mesmas, vividas aparentemente por si mesmas, sem a consciência dum estímulo inicial nem o amparo sentido duma Vontade transcendente e duma Palavra revelada? Vidas paralelas, que vêm duma incógnita e recolhem a outra: o nascer e o morrer. Linhas prolongadas sem verdadeiro encontro, senão no Infinito de que se não dão conta. [...] . A crença cristã, porém, nos ensinou que os nossos Maiores só são grandes em Aquele que é o centro de todos nós. [...] Convergentes foram as vidas de aqueles que vamos recordar, para edificação e instrução nossa.<sup>16</sup>

Sendo verdadeiro que a influência exógena teve um papel estruturante na entrada das comunidades protestantes em Portugal, é também verdade que os pioneiros do protestantismo em Portugal procuraram na história do país as raízes de um cristianismo genuíno, perscrutando simultaneamente nesse percurso uma “convergência”, uma legitimação e uma valorização histórica para o lugar das comunidades reformadas em Portugal. No contexto do protestantismo português, o diálogo com a Antiguidade Clássica desenvolver-se-ia no âmbito amplo que aquelas três obras assinalam: a busca permanente de uma reforma por via do regresso a um “cristianismo puro e primitivo”; a utilização de referências culturais basilares da civilização clássica e a demarcação e distanciamento do “cristianismo verdadeiro” em relação ao paganismo romano.

## 2. PAGANISMO, REVIVALISMO E REFORMA: UM REGRESSO ÀS *CATACUMBAS DE ROMA*

Resultando da atividade missionária de grupos protestantes estrangeiros em Portugal, o cristianismo reformado português foi também fortemente

---

<sup>14</sup> Moreira 1958: 8-9.

<sup>15</sup> Moreira 1958: 9.

<sup>16</sup> Moreira 1958: 9-11.

O regresso às origens do cristianismo no alvor do protestantismo português: a problemática da identidade romana na imagética protestante oitocentista

influenciado por grupos de estrangeiros residentes em Portugal. Em meados do século XIX essa ascendência era sobretudo de origem britânica<sup>17</sup>, o que deu aliás lugar à associação recorrente entre as noções de protestantização e de desnacionalização, baseada sobretudo na denúncia da dependência de Portugal em relação à Grã-Bretanha e das pretensões dessa potência em relação ao controlo do espaço ultramarino português<sup>18</sup>.

A par da distribuição dos livros bíblicos, cuja primeira vulgarização em português esteve precisamente a cargo de uma instituição de origem britânica – a *British and Foreign Bible Society*<sup>19</sup> – a progressiva estruturação de um universo teológico e literário evangélico em Portugal, procurando responder à procura de novos leitores, de novas comunidades e de novas igrejas, fez-se por via da edição de folhetos de propaganda, debate e controvérsia; literatura histórica e instrutiva; e obras de edificação espiritual, instrução moral e de propaganda evangélica. No cruzamento desta tipologia literária, destacaríamos, a tradução e divulgação, já em pleno século XX, da obra de Benjamin Scott<sup>20</sup>, de 1853, originalmente intitulada: *The contents and teachings of the Catacombs at Rome; being a vindication of pure and primitive Christianity, and an exposure of the corruptions of Popery, derived from the Sepulchral Remains of the early Christians at Rome*<sup>21</sup>, editada em português com o título simplificado – *As Catacumbas de Roma*<sup>22</sup>. No Prefácio da edição portuguesa, da autoria de outro dos pioneiros do protestantismo em Portugal – Alfredo Henrique da Silva<sup>23</sup> – justifica-se assim a publicação do livro no nosso país: “Faltam-nos em português livros como este,

---

<sup>17</sup> A partir de finais do século XIX e inícios do século XX, a influência passou a ser maioritariamente de origem brasileira e norte-americana.

<sup>18</sup> Cf. Leite 2009: 103-113.

<sup>19</sup> Para uma história da implantação e ação da instituição em Portugal veja-se Leite 2019.

<sup>20</sup> Benjamin Scott (1814-1892) era escriturário e diretor financeiro da *City of London*. Ligado ao cristianismo não-conformista, foi também um ativista no contexto dos movimentos de “temperança” e de “pureza social”, tendo sido membro da *Gospel Purity Association*, organizador do *London Committee for Suppressing the Traffic in British Girls for Purposes of Continental Prostitution* e, finalmente, promotor e secretário honorário da *Working Men’s Educational Union*, organização no âmbito da qual proferiu as conferências que deram lugar à publicação da obra em análise.

<sup>21</sup> Cf. Scott 1853.

<sup>22</sup> Cf. Scott 1923.

<sup>23</sup> Alfredo Henrique da Silva (1872-1950) foi um educador e missionário metodista. Centrou a sua ação na educação, uma das principais áreas de intervenção do protestantismo em Portugal, fundamentada no entendimento de uma relação estreita entre evangelização e alfabetização. O investimento na educação foi complementado e dinamizado por atividades paralelas ao campo escolar: AHS foi um dos fundadores da União Cristã da Mocidade; em 1899 ocupou o lugar de secretário da recém-criada Sociedade Protectora dos Animais e durante a Grande Guerra dinamizou o processo de estruturação do Triângulo Vermelho Português em França, com a formação de centros de informação e de apoio ao Corpo Expedicionário Português.

que facilitem o estudo aos que queiram conhecer o Cristianismo primitivo na sua pureza e, por isso, em todo o seu vigor”<sup>24</sup>.

A obra constitui de facto uma fonte essencial para o estudo da receção do tema da Roma Antiga no horizonte do cristianismo do século XIX e XX, quer pela influência que exerceu no período em que foi primeiramente editada quer através das edições e traduções posteriores<sup>25</sup>. Benjamin Scott traçava como objetivo principal o esclarecimento dos cristãos sobre a “condição primitiva” da instituição do Cristianismo por via da análise da vivência cristã nas Catacumbas de Roma<sup>26</sup>.

A obra divide-se em três capítulos, correspondentes à sistematização por escrito de três conferências proferidas pelo autor às classes trabalhadoras londrinas, no âmbito de um trabalho de evangelização com que procurou pautar a sua ação cívica, e assim intitulados: “Paganism”; “Christianity” e “Popery, debased or spurious Christianity”. Na tradução portuguesa, de 1923, este último subtítulo é traduzido por “Romanismo: Cristianismo adulterado” em substituição da alternativa mais literal “Papismo, Cristianismo espúrio ou degradado”<sup>27</sup>, dando conta da maior eficácia do substantivo “Romanismo” em contexto lusófono, assim como acontecia em relação ao adjetivo “romano”, num contexto de demarcação ativa, e muitas vezes de oposição quotidiana, relativamente à hegemonia da Igreja Católica.

O mote do primeiro capítulo é fornecido pela citação que acompanha o título: “Paganism. ‘The dark places of the earth are full of the habitations of cruelty’ (Psalms, lxxiv, 20)”, ao qual se oporá o segundo: “Christianity. ‘To give light to them that sit in darkness and the shadow of death.’ (Luke i, 79)”. A oposição entre a luz e as trevas, profusa no âmbito da história das religiões, servirá aqui para enfatizar a marca de novidade do cristianismo em relação aos sistemas religiosos anteriores, designadamente o romano, repetidamente utilizado pelo autor como modelo do paganismo em virtude da abundância de documentação conhecida sobre o mesmo e do carácter abrangente da sua influência, explicando-se:

---

<sup>24</sup> Scott 1923: Prefácio de Alfredo Henrique da Silva.

<sup>25</sup> O livro foi objeto de sucessivas edições em português ao longo de todo o século XX, servindo quer o mercado português quer o brasileiro. A última edição a que tivemos acesso em português data de 2014, em versão e-book.

<sup>26</sup> Um tema já anteriormente tratado por autores como Charles Maitland que, em 1846, publicou a obra: *The Church in the Catacombs. A description of the primitive Church of Rome, illustrated by its Sepulchral Remains*, debruçando-se sobre os temas das origens das Catacumbas, dos símbolos ali utilizados, da origem da arte cristã, dos primeiros mártires do cristianismo e dos ofícios e costumes da “Igreja antiga”. Benjamin Scott cita abundantemente esta obra.

<sup>27</sup> Cf. Scott 1923.

Julius Caesar, the great uncle and predecessor of Augustus, had by his victorious arms rendered tributary to Rome all the surrounding nations; and the Roman Empire, on the accession of Augustus, was almost coextensive with the known world. The religion of all these nations, with the single exception of the Jews, consisted of Paganism, in some form or other, which was also the religion of Imperial Rome. With her arms she carried her gods, and promoted their worship; or, with politic tolerance, had adopted the gods of other Pagan nations into her Pantheon. The Pagan system was [...] *polytheistic*, that is, many gods worshipped; or rather, I should say, it was *pantheistic*, that is, all gods were venerated. These gods were generally represented under some human form, such as Jupiter, king of Olympus, and some score of other reprobates [...] Apollo, Mars, Mercury, Neptune, Bacchus, Vulcan, Juno, Venus, and others, presiding over fighting, thieving, lust, debauchery, and drunkenness, with some few who personified certain domestics and civil virtues. [...] Authors innumerable could be quoted to prove the number and the worthlessness of characters of these divinities.<sup>28</sup>

O autor desenvolve seguidamente uma análise sobre os caracteres dos deuses romanos, e sobre o sistema religioso e seus seguidores como um todo, recorrendo para esse efeito às posições de autores pagãos e cristãos. Começando por Aristóteles e Platão, prossegue com Petrónio e Séneca, referindo: “Petronius informs us that temples were frequented, altars crowned, and prayers offered to the gods, in order that they might render agreeable unnatural lusts. The moral Seneca, revolting at what he witnessed around him, exclaims, in the sight of such things, ‘How great is now the madness of men!’”<sup>29</sup>; detendo-se depois nas epístolas paulinas<sup>30</sup>, fonte legitimadora por excelência no contexto cristão, e nesta obra repetidamente colocada em diálogo com os autores romanos.

O caráter sacerdotal é também destacado por Benjamin Scott como elemento estrutural do sistema pagão, o mesmo sendo aliás referido em relação ao judaísmo, ocasionalmente chamado à colação neste primeiro capítulo. O papel do sacerdócio, entendia o autor, respondia às exigências de um sistema composto por atos e ritos externos e cerimoniais, descritos como restritos a uma performatividade desdobrada em sacrifícios, oferendas, orações, peregrinações a lugares sacralizados ou altares, festivais, procissões, mortificações, penitências

---

<sup>28</sup> Scott 1853: 1-3.

<sup>29</sup> Scott 1853: 5-6.

<sup>30</sup> Parafraçando-se a Carta aos Romanos, I. 21-23: “Eles sabiam que Deus existe mas não o adoraram nem lhe deram graças como é devido. Pelo contrário, os seus raciocínios tornaram-se vazios e os seus corações insensatos perderam-se na escuridão. Dizem-se sábios mas não têm juízo. Em vez de darem glória ao Deus importa, adoraram imagens do homem mortal e até adoraram imagens de aves, serpentes e outros animais.” *Bíblia para Todos. Edição interconfessional*.

que, para além de constituírem mediações em si mesmo, definiam o próprio corpo sacerdotal como mediação, interpondo-o entre os crentes e o(s) seu(s) deus(es). Esta era uma temática cara à teologia protestante e o autor não deixa de a recuperar nos capítulos seguintes, procurando demonstrar a diferença que o “cristianismo primitivo” impõe a este respeito e a “regressão” que o “papismo” representará a este propósito<sup>31</sup>.

Prosseguindo numa caracterização geral do paganismo, e reconhecendo apesar de tudo no politeísmo romano a existência de deuses que personificavam virtudes, o autor assinala-o como uma “raridade”, como “exceção à regra” ou, mantendo a metáfora das Luz vs. Trevas, como o “lustre” cujo brilho era acentuado pela “escuridão dominante”, concluindo que a virtude de alguns deuses e homens na Roma Antiga existia “apesar” do sistema religioso e não “por causa dele”<sup>32</sup>. Em contrapartida, as características dominantes da condição moral e social dos pagãos resultava, defende Scott, diretamente desse sistema religioso. É interessante verificar como, entre esses elementos caracterizadores, o autor decide dar prioridade a dois temas que permanecem completamente atuais: o lugar das crianças e o das mulheres na sociedade<sup>33</sup>. No caso das crianças, Scott refere-se à problemática do infanticídio, que reporta como tendo sido, e continuando a ser, comum em sociedades “bárbaras”, mas também, na “polida Grécia” e na “Roma civilizada”. Recorrendo novamente aos testemunhos de Aristóteles e Platão, cita-os não apenas como prova da existência daquela prática mas como fonte de legitimação da mesma; referindo também que “Cicero and Seneca both speak of the practice incidentally, but treat it as a matter of course, without censure or even without comment”<sup>34</sup>; concluindo com a alusão a Edward Gibbon, cuja posição sobressai neste contexto na medida em que era perçecionado por figuras como Benjamin Scott como um autor que procurou valorizar o paganismo em detrimento do cristianismo e que, ainda assim, afirmava que a exposição de crianças era um “vício” predominante e persistente na antiguidade. Relativamente à condição social feminina, a tónica é colocada no estatuto “inferior” da mulher, tratada, numa sociedade descrita como patriarcal, como uma “mercadoria” ou como “uma escrava do homem”<sup>35</sup>, podendo ser comprada, trocada, desposada ou separada dos seus filhos, sem consentimento. Este quadro negro da sociedade romana, numa caracterização que, quer no conteúdo quer na forma, procurava nitidamente ecoar junto das classes trabalhado-

---

<sup>31</sup> Sobre o tema da construção da hierarquia sacerdotal no contexto do cristianismo veja-se a interessante coleção de estudos recentemente publicada em torno do problema da *Anatomia do poder eclesiástico* (cf. Eleutério 2022).

<sup>32</sup> Cf. Scott 1853: 8.

<sup>33</sup> Cf. Scott 1853: 31-52.

<sup>34</sup> Scott 1853: 24.

<sup>35</sup> Scott 1853: 27-28.

O regresso às origens do cristianismo no alvor do protestantismo português: a problemática da identidade romana na imagética protestante oitocentista

ras londrinas oitocentistas, era seguidamente complementada com vários outros temas que visavam consolidar a descrição dos estado moral do povo pagão: a “depravação geral”, “o carácter dos chefes romanos”; “os desportos cruéis”; os “combates de gladiadores” e a “escravatura grega e romana”, concluindo-se:

The picture is indeed a dark, a revolting one; anyone who attentively and thoughtfully reads the history of those times, must become convinced that mankind, with few exceptions, had become as degraded, as sinful, as ignorant of truth, as cruel, as vindictive, and withal as *wretched*, as it is possible to conceive. [...] And what is the lesson, my friends, which we learn from the subject of tonight's lecture? THAT NEITHER LEARNING, NOT CIVILIZATION, NOR PHILOSOPHY, NOR ALL OF THEM COMBINED, CAN OF THEMSELVES MAKE PEOPLE EITHER VIRTUOUS OR HAPPY.<sup>36</sup>

Aquela secundarização dos ensinamentos, civilização e filosofia clássica, respondia naturalmente a um propósito de valorização do contributo do cristianismo, que se contrapunha seguidamente ao obscurecimento e desânimo do paganismo. No segundo capítulo da obra, Benjamin Scott dedica-se então à temática da religião cristã, começando por uma análise histórica seguida de uma aproximação de tipo mais doutrinal. Da reflexão sobre a vida e pregação de Jesus de Nazaré e sobre os seus ensinamentos sistematizados nas Escrituras, entendidas como Revelação e fundamento doutrinal do sistema religioso cristão, o autor destaca o carácter absolutamente inovador do cristianismo, declarando:

[...] first I would remark, that Christianity constituted a wondrous innovation upon the views of the world, both Pagan and Jewish. It was no adaptation, no mere reformation; no compromise was entered into. The language of Christ, [...] his system was to supersede and set aside those systems which were decayed, had ‘waxed old’, and were ‘ready to vanish away’. The religion of Christianity, in short, effected a revolution, and cannot be viewed in the light of a *restoration* or a *reconstruction*.<sup>37</sup>

Esta ideia do cristianismo como “revolucionário” e da religião cristã como operando uma “superação” dos sistemas religiosos tradicionais seria objeto de discussão profusa ao longo dos séculos XIX e XX, chegando-se inclusivamente às posições de pensadores como Marcel Gauchet e Paul Valadier, que definiriam o cristianismo como “a religião da saída da religião”<sup>38</sup>.

---

<sup>36</sup> Scott 1853: 51-53. Maiúsculas do autor.

<sup>37</sup> Scott 1853: 67-68. Itálicos do autor.

<sup>38</sup> Nas *Cartas a uma cristão inquieto*, Paul Valadier, procurando perceber a originalidade do cristianismo interpelava deste modo o seu interlocutor: “[...] proponho-te que partamos

O caráter absolutamente novo do cristianismo é também destacado, de modo mais subjetivo e valorativo, por Alfredo Henrique da Silva no Prefácio da edição portuguesa da obra, onde se afirma:

Todos os historiadores concordam em que o aparecimento do Cristianismo marca o início duma era nova, de progresso material e de perfeição moral. [...] A civilização antiga, que aqui e ali atingira extraordinário brilho, estava por toda a parte manchada do sangue da crueldade e da tirania. [...] O Evangelho foi, incontestavelmente, a mais poderosa alavanca da civilização e do progresso.<sup>39</sup>

De acordo com Benjamin Scott, esse entendimento do cristianismo como uma revolução, mais do que uma renovação ou restauração, evidenciava-se em grande medida na posição antagónica que o mesmo ocupava em relação ao paganismo romano, facto que procura demonstrar através de um longo elenco de posições contrárias entre a religião pagã e a religião cristã, aqui seguidamente ordenadas:

**TABELA 1 – Perspetivas sobre Paganismo vs. Cristianismo  
n'As Catacumbas de Roma, de Benjamin Scott**

<b>Paganismo</b>	<b>Cristianismo</b>
Politeísta	Monoteísta
Representava Deus à semelhança de objetos visíveis	Representa Deus como um Espírito, sem partes ou paixões humanas, eterno, imortal, invisível
Tinha uma ritualidade formal, externa, cerimonial, local	Ensina que doravante a religião só será aceitável como espiritual e do coração
Era essencialmente sacerdotal	Ensina que o sacerdócio mediador e sacrificial já não é necessário, na medida em que Jesus Cristo é a única via de acesso a Deus

de uma fórmula aparentemente pretensiosa e enigmática, que vou buscar a Marcel Gauchet, correndo o risco de dar-lhe um sentido bastante diferente. Podemos considerar o cristianismo como a *religião da saída da religião*. O que é que isto quer dizer? Isto significa que o cristianismo é evidentemente *uma religião*, mas que a sua característica própria consiste em sair do universo religioso tradicional e, portanto, não ser inteiramente uma religião como as outras, talvez mesmo *não ser de todo uma religião* (no sentido clássico deste termo).” (Valadier 1994: 28-29).

<sup>39</sup> Scott 1923: Prefácio de Alfredo Henrique da Silva.

O regresso às origens do cristianismo no alvor do protestantismo português: a problemática da identidade romana na imagética protestante oitocentista

<b>Paganismo</b>	<b>Cristianismo</b>
Multiplicava os sacrifícios associados a transgressões	Ensina que Cristo morreu pelos pecados de todos os homens e mulheres (o sacrifício último)
Ritos e ofertas cruéis e pesados	Ensina o amor a Deus e aos homens
Paz transacionada através de oferendas onerosas	Cristo oferece a salvação e o perdão gratuitos
Iniciava apenas os mais ricos, sábios ou os dignos dos seus mistérios	Cristo ordena que a sua mensagem seja levada especialmente aos pobres, simples e pecadores
Sancionava, encorajava e promovia a imoralidade e a sensualidade	Ensina que até os pensamentos do coração devem ser vigiados e controlados
Sancionava a crueldade	Ensina a misericórdia
Honrava a vingança e o ódio	Ensina a amar o inimigo
Guerra, agressão, vingança, derramamento de sangue, rapina, opressão	Práticas inequivocamente condenadas pelo cristianismo

A tabela procura reproduzir de modo sistemático a argumentação desenvolvida por Scott ao longo de várias páginas<sup>40</sup> num contraste enfatizado pela utilização do pretérito e do presente que tende a reforçar não apenas a novidade que o autor considera que o cristianismo representa mas também a atualidade que, quando preservado na sua versão “pura” – isto é, evangélica e não “papista” ou não “romanista” – mantinha no século XIX.

A vivência do cristianismo primitivo é seguidamente retratada na descrição das origens das catacumbas de Roma e da sua ocupação pelos cristãos que, chegados à metrópole nos tempos apostólicos, ali desenvolveram uma vivência do cristianismo em estatuto minoritário e em situação de perseguição, naquilo que Alfredo Henrique da Silva designa como os “tempos ominosos dos Césares”<sup>41</sup>. O retrato desta experiência ecoaria naturalmente com particular acuidade nas comunidades protestantes portuguesas de finais do século XIX e inícios do século XX que, para além de constituírem uma minoria religiosa, não poucas vezes foram objeto de oposição violenta por parte da maioria católica romana e seus representantes hierárquicos. O protestantismo como um todo considerar-se-ia também herdeiro dessa luta encetada em Roma no primeiro século do cristianismo:

<sup>40</sup> Cf. Scott 1853: 68-72.

<sup>41</sup> Scott 1923: Prefácio de Alfredo Henrique da Silva.

Christianity, then, and persecution on account of it, had both found place at Rome in the reign of Claudius, certainly within twenty-five years from the death of its founder. Some five or six years later, about 57 to 59 A.D., Paul wrote a letter to the Christians at Rome, called by us ‘the Epistle to the Romans’. In this letter he speaks of his strong desire to visit them, and thanks God that their “faith is spoken of throughout the whole world;” [...] it is quite clear that Christianity had not been then very recently established, and, moreover, that it had made much progress at that time in Rome. [...] the first well-authenticated instance of persecution occurred under Nero, about the year A.D. 64, soon after Paul’s first visit. [...] At his second visit to Rome, Paul was put to death by Nero. From this date onwards, history identifies the Christians at Rome with the Catacombs there.<sup>42</sup>

Essa identificação do cristianismo romano com as catacumbas seria ainda reforçada pelas funções que as mesmas desempenharam, explica o autor, como lugares de sepultura para os cristãos dos primeiros séculos em Roma. Depois de Constantino, aqueles lugares seriam objeto de nova recomposição, funcionando como lugar de visita e veneração dos mártires do cristianismo. A análise detalhada das sepulturas, da arte cristã e dos símbolos religiosos – o monograma, o peixe, a pomba, as coroas, o ramo da palmeira – desenvolvida pelo autor, serve também um propósito de reforço do contraste entre o paganismo e o cristianismo, solidificado pelo modo de encarar a morte. Se no paganismo, defende Scott, a morte é percebida como “extinção da existência” ou “o término de tudo o que é desejável”, no cristianismo, por oposição, a morte é entendida num contexto de “paz, esperança, antecipação da felicidade e indicação do triunfo”<sup>43</sup>. À insegurança temporal que os cristãos vivenciavam nos primeiros séculos em Roma, contrapunha-se assim “o poder do cristianismo puro”:

On the one side were arrayed *all the powers of the world* – the Roman emperors, whose will dictated law to the earth; a powerful army; all the wealth of Rome; all the learning of the Augustan period; all the intellect of philosophy and science ‘falsely so called’ a priesthood, whose influence extended to the bounds of the Roman Empire, and whose power perhaps exceeded even that of the emperor himself; all the rulers; the great majority of the people; and the *prestige* of high antiquity in favour of a religion which was admirably adapted to corrupt human hearts.

On the other side we find a few (comparatively) poor, illiterate, despised outcasts, hiding in ‘dens and caves of the earth’, without arms, or refusing to use them, decimated by persecutions repeated again and again, opposing not their enemies with carnal weapons, but blessing and praying for them; and yet we

---

<sup>42</sup> Scott 1853: 73-78.

<sup>43</sup> Cf. Scott 1853: 104.

O regresso às origens do cristianismo no alvor do protestantismo português: a problemática da identidade romana na imagética protestante oitocentista

find one emperor after another declaring that they were '*incorrigible*', or, in other words, *invincible*.<sup>44</sup>

No terceiro e último capítulo da obra, Benjamin Scott dedica-se então ao percurso que o cristianismo trilhou depois desse período das catacumbas. Esse processo é percebido pelo autor como um caminho de degradação e afastamento em relação ao cristianismo “puro” e “genuíno”, cujo resultado é representado pelo “Papismo” ou “Romanismo”, caracterizado como um cristianismo “espúrio” ou “bastardo”, ou ainda, nas palavras do prefaciador português, como “apenas uma sombra, e essa mesma disforme, do Cristianismo primitivo, do Cristianismo de Cristo”<sup>45</sup>. O que é interessante verificar na análise do autor britânico, cuja argumentação base é comum a múltiplas reflexões e literatura de origem protestante oitocentista, incluindo nas fontes portuguesas, é que neste caso são as catacumbas de Roma, a sua herança e o seu conteúdo, que são utilizadas como “prova” daquela “corrupção”, na medida em que constituem a exemplificação material da vivência genuína do cristianismo<sup>46</sup>.

Começando por denunciar os efeitos negativos das tentativas de reaproximação do cristianismo em relação a um judaísmo legalista e sacerdotalizante e de integração no seu seio das especulações oriundas da filosofia grega e romana, processos que Scott considera que contribuíram para desviar o cristianismo da “simplicidade” dos ensinamentos de Jesus, o autor atribui a causa principal da corrupção da religião cristã às sucessivas tentativas de harmonizar paganismo e cristianismo, explicando:

That no such attempt should be made while the two religions were in actual conflict is likely enough; but when Constantine became favourable to Christianity, and both religions were tolerated, that which before was impossible now came to be practicable, and very soon men were found who, from good but mistaken motives, urged such a compromise as desirable.<sup>47</sup>

O facto dessa tentativa de compatibilização não ter sido feita antes de Constantino é precisamente o que permite, de acordo com o autor, aceder às

---

<sup>44</sup> Scott 1853:113-114. Itálicos do autor.

<sup>45</sup> Scott 1923: Prefácio de Alfredo Henrique da Silva.

<sup>46</sup> Scott afirma a esse propósito: “[...] CHRISTIANITY WAS CORRUPTED, AND IS, TO A GREAT EXTENT, CORRUPTED STILL. [...] The question arises, How do you prove this? I answer by bringing forward evidence as to the original treatment: the gravestones of the Catacombs will be my witnesses. They have furnished is with a contrast with Paganism; they shall witness to the existence of a primitive, a pure, and an efficacious Christianity.” (Scott 1853: 142-143).

<sup>47</sup> Scott 1853: 151-152.

sepulturas das catacumbas de Roma como espaço modelar para o conhecimento da prática pura do cristianismo.

Inquirindo ali sobre a existência – ou mais vezes ainda, verificando da inexistência – de determinadas práticas, o autor conclui que as mesmas, não pertencendo à experiência primitiva do cristianismo, foram ilegitimamente integradas em épocas posteriores. Em primeiro lugar, a igreja cristã primitiva tem documentada nos textos neotestamentários e no espaço das catacumbas de Roma, a existência de diferentes ministérios, nunca ali se referindo porém a existência de um sacerdócio ou de um oficiante da mediação sacrificial<sup>48</sup>. Em segundo lugar, não só não se encontra nas inscrições daquele espaço qualquer tipo de referência ao celibato obrigatório daqueles ministros como existem referências explícitas à prática do casamento<sup>49</sup>. Em terceiro lugar, a celebração da Ceia como sacrifício, a sacralização do altar e a reformulação do sentido da Eucaristia não estão reportadas nas catacumbas<sup>50</sup>. Em quarto, a atribuição de funções mediadoras aos apóstolos, mártires e Maria, mãe de Jesus, estando pontualmente insinuada nas sepulturas das catacumbas – por via da influência pagã, alerta Scott – não era prática instituída naquele período<sup>51</sup>. E, por último, não existe qualquer tipo de registo ou alusão à doutrina do Purgatório naquele espaço<sup>52</sup>. O autor defende portanto que o processo de corrupção que o “sistema romanista” promoveu no seio do cristianismo resulta na verdade de uma rever-

---

<sup>48</sup> De acordo com Benjamin Scott: “The names used to designate Christian ministers are those I mentioned as being used in the Scriptures, viz., bishops, presbyters, pastors, deacons; while *lectors*, i.e., Scripture readers, *fossors*, i.e., *sextons*, and *exorcists*, who took part in baptisms, have been also found as officers in the early Church.” (Scott 1853: 159).

<sup>49</sup> Scott afirma a esse propósito: “The Catacombs declare unequivocally that this practice of Rome [celibacy] is novel, and prove that all orders of the clergy in primitive times were accustomed to marry” (Scott 1853: 160).

<sup>50</sup> De acordo com o autor: “The sacrifice of the mass had not been invented, nor indeed was it thought of until the ninth century, that is, some four hundred years after the Catacombs were closed. [...] no trace of any such sacrifice can be found in them.” (Scott 1853: 162).

<sup>51</sup> A esse respeito, Scott defende: “That such an error should have crept in very early in the history of Christianity is not to be wondered at, when we consider how the primitive Christians were circumstanced; retaining naturally some of the traditional ideas of Paganism, and associated as they were in the Catacombs with the remains of those they loved and honoured in life. On the gravestones of their hiding-places we read the history and discern the first buddings of this corruption, but it did not reach its height until long after the Catacombs were closed as Christian cemeteries.” (Scott 1853: 164-165).

<sup>52</sup> Scott insurge-se verdadeiramente contra este aspeto, declarando: “Now Rome asserts the *insufficiency* of [Christ’s] sacrifice, and tells us, that what the Saviour could not do, and did not do, her priests have power to accomplish, that is, to obtain the release of suffering souls out of purgatory. [...] To teach that there was a purgatory, that the duration of the detention there is uncertain, that it can be shortened or prolonged at the will of the priesthood, is the most daring assumption of power, and, at the same time, the most profitable scheme of priestcraft which the world has witnessed. [...] *No mention whatever, not even the*

O regresso às origens do cristianismo no alvor do protestantismo português: a problemática da identidade romana na imagética protestante oitocentista

são e de um regresso ao paganismo, ao seu espírito e às suas principais características, em grande medida opostos à experiência vivida pelos primeiros cristãos nas catacumbas de Roma, apelando ao seu auditório, e aos seus leitores, para que doravante observem aquele espaço, e aquelas vivências, de uma perspetiva também ela renovada:

I will suggest another answer with which, from tonight, you may be furnished when Romanists ask you, as they are very fond of doing in their ignorance, 'Where was your religion before the Reformation?' [...] I would advise you to reply, 'It was in the New Testament'; where, if your faith be sound, it will assuredly be found. But from tonight you can reply also, '*It was in the Catacombs of Rome*'. There was found primitive and pure Christianity, and that will be *holy, universal, and apostolic* religion which resembles it.<sup>53</sup>

Esse carácter genuíno do cristianismo das catacumbas é também o elemento mais destacado do prefácio da edição portuguesa, onde se conclui: “Nos cristãos das Catacumbas de Roma, como nos cristãos do Novo Testamento, nós vemos um Cristianismo que é fé, que é virtude e que é amor. É vida real e não mera forma. É ação consciente e sempre de harmonia com o ideal de Cristo.”<sup>54</sup> O processo de implementação do cristianismo reformado em Portugal fez-se, em grande medida, sobre o desiderato permanente de um regresso a estas origens, isto é, à prática do “cristianismo verdadeiro”, uma procura documentada na imprensa protestante portuguesa.

### 3. A IDENTIDADE ROMANA NA IMAGÉTICA PROTESTANTE PORTUGUESA

Na transição do século XIX para o século XX, numa fase essencial de implementação das comunidades protestantes no nosso país, a imprensa periódica desenvolveu-se como mecanismo difusor e propagandístico desempenhando uma importante função de consolidação e dinamização das diferentes denominações evangélicas. Reclamando e afirmando a sua inspiração evangélica, aqueles jornais procuravam legitimar a sua pertinência no âmbito de um projeto de missão cristã que podia ou não traduzir-se na associação estrita a uma igreja específica. Se denominações como os Metodistas, a Igreja Lusitana ou as Igrejas Baptistas criaram órgãos oficiais, parte significativa dos títulos autorrepresentava-se como “evangélico” ou resultava do trabalho de organizações interdenominacionais como as Associações Cristãs da Mocidade

---

*most incidental reference to the state of purgatory has been found in the Catacombs.* (Scott 1853: 176-181. Itálicos do autor).

<sup>53</sup> Scott 1853: 210-211. Itálicos do autor.

<sup>54</sup> Scott 1923: Prefácio de Alfredo Henrique da Silva.

ou a Juventude Evangélica Portuguesa. Os periódicos circulavam na sua grande maioria por via de assinaturas que eram feitas nas casas de publicação ou nas livrarias evangélicas que, nos inícios do século XX, existiam já em Lisboa, no Porto, nos Açores (S. Miguel e Ponta Delgada), na Madeira (Funchal) e em Cabo Verde (S. Vicente)<sup>55</sup>.

Um entrosamento entre os objetivos prosélicos e uma função mais estritamente jornalística, traduzida na combinação de conteúdos evangélicos e moralizantes com artigos de opinião e notícias que visavam um acompanhamento mais permanente da atualidade política nacional e internacional e da vida das próprias igrejas geraram jornais como: *A Reforma* (fundado em 1877), *O Bom Pastor* (f. 1901), *o Luz e Verdade* (f. 1902), e o *Portugal Evangélico* (f. 1920), órgãos da comunidade metodista; o *Egreja Lusitana* (f.1894) e *O Cristão Lusitano* (f. 1924), órgãos da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica; *O Estandarte Baptista* (f.1910), *O Cristão Baptista* (f. 1914), *O Evangelizador* (f. 1921) e o *Semeador Baptista* (f. 1926), órgãos das diferentes comunidades batistas; aqueles que se integravam no campo mais amplo dos “evangélicos”, como o *Leituras Cristãs* (f. 1904), *O Mensageiro* (f. 1905), folha mensal, instrutiva e noticiosa de vivificação espiritual, o *Arauto Cristão* (f. 1910), boletim mensal da obra evangélica de Setúbal, *O Caminho* (f. 1910), autodesignado como “pregoeiro cristão das aldeias”, a *Madeira Nova* (f. 1925), revista de cultura religiosa; e aqueles mais especificamente dedicados à juventude como o *Triângulo Vermelho* (f. 1920), o *Raio de Sol* (f. 1925) ou o *Portugal Novo* (f. 1928).

Todos estes títulos partilhavam um propósito de divulgação das diversas dinâmicas das comunidades protestantes ativando a relação desses mesmos grupos com o exterior e a sua integração na sociedade portuguesa. Por um lado, multiplicavam-se os artigos relativos à doutrina evangélica, aos assuntos bíblicos, à moral cristã e à concretização da missão de pregação do Evangelho, os quais se combinavam com as notícias e esclarecimentos relativos à organização interna das igrejas, ao horário dos cultos, à chegada e partida de pastores, aos nascimentos e óbitos dos membros das igrejas e ao trabalho das livrarias evangélicas e das sociedades bíblicas. Por outro lado, publicavam-se artigos de opinião relacionados com a sociedade e política portuguesas que, tanto na fase final da Monarquia Constitucional como durante a I República motivaram uma discussão aberta no seio da imprensa protestante sobre o regime, o sistema político e o país. Mas aquela integração fez-se também através de dinâmicas de diferenciação e de distanciamento, designadamente em relação à religião maioritária: o catolicismo romano. Contendo uma componente “anti-romanista” considerável – cujo espelho, o antiprotestantismo, era também profuso naquela

---

<sup>55</sup> Cf. Leite 2014: 400-402.

O regresso às origens do cristianismo no alvor do protestantismo português: a problemática da identidade romana na imagética protestante oitocentista

período na imprensa católica romana<sup>56</sup> – estes jornais adotaram uma posição crítica que se traduziu na publicação de textos sobre a Igreja Católica em Portugal, sobre a Santa Sé e sobre temas fraturantes como o ultramontanismo, o jesuitismo, o ateísmo, a Bíblia, a Tradição, os sacramentos, a missão e, finalmente, o cristianismo “puro” e “primitivo” das origens.

Entre a publicação original d’*As Catacumbas de Roma* de Benjamin Scott, em 1853 em Londres, e a sua primeira edição em Portugal, em 1923 em Lisboa, a imprensa periódica protestante portuguesa evidencia que o debate desenvolvido pelas comunidades evangélicas, em fase de implementação no país, em torno da reforma do cristianismo estava plenamente integrado na discussão ampla que o protestantismo como um todo desenvolvia na Europa. Vejamos alguns exemplos.

Em jornais como *A Reforma*, encontramos uma linguagem e uma imagética que replica muito do discurso de Benjamin Scott, declarando-se, num artigo de 1877 contra o jesuitismo, o seguinte sobre os primeiros séculos da história do cristianismo:

Fácil presa era a consciência de um povo que perdera a luz da razão. Sobre as ruínas da velha Roma debastada pelos bárbaros corvejou sedenta de ambições o espírito teocrático. Perdida estava já a ciência do Evangelho nas catacumbas da cidade. As sombras dos mártires velaram as fazes ante o pacto da igreja da igreja com o imperador Constantino. Desbaratado o império de Augusto cumpria à classe sacerdotal salvar-se no descalabro do mundo romano e domar a consciência das hordas do norte. [...]. Já estava bem consolidada a unidade da igreja: o bispo de Roma [...] se apoderara do título do chefe da religião mitológica – *Pontifex maximus*, e o papado fora erigido em instituição cristã. [...] A fogueira inquisitorial estava acesa nos adros dos templos para queimar o pensamento em nome de Deus, e o purgatório – puro invento da igreja romana – ardia na eternidade para purificar a alma feita de Deus, negando-se assim o valor infinito do sacrifício do Calvário.<sup>57</sup>

No mesmo jornal, alguns meses depois, recuava-se ainda mais no tempo e descrevia-se a situação moral da Roma antiga como corrompida “em tão alto grau, que envergonha[va] só a leitura da descrição das prostituições públicas, do cinismo, dos vícios em geral, dominantes naquela sociedade desditosa”<sup>58</sup>. A esses tempos, tal como o fazia Benjamin Scott, contrapunha-se recorrentemente naquele imprensa, a chegada do Cristianismo, entendido como movimento de regeneração, conforme se descrevia no *Luz e Verdade*, já no início do século XX:

---

<sup>56</sup> Cf. Leite 2009: 54-103.

<sup>57</sup> D[ias] 1877b: 6.

<sup>58</sup> D[ias] 1877d: 23.

Destruir e edificar: eis qual foi o trabalho a que se dedicaram sempre, com zelo e entusiasmo, os primitivos mensageiros do Senhor, os quais conseguiram efetivamente destruir em grande parte o paganismo com suas mitológicas utopias, e edificar na mesma proporção o cristianismo com todo o seu poder regenerador, com todos os seus frutos salutaríssimos de luz e de liberdade.<sup>59</sup>

A denúncia da regressão que se seguiu a esse tempo novo, frequentemente associada, também na imprensa protestante portuguesa, ao período constantiniano<sup>60</sup>, é descrita em grande medida como um retorno ao paganismo, assim descrito:

Tão cedo se desenvolveu o costume de adorar imagens e santos na igreja romana, que, em vez de ser considerado uma novidade, pode ser tido como a continuação dos inveterados usos do paganismo. A cruz, os túmulos e as relíquias dos mártires, as pinturas e imagens dos apóstolos e dos santos, gradualmente se foram tornando objetos de veneração religiosa [...] e a simplicidade da piedade primitiva foi seguida pela invocação dos santos, acompanhada, no entendimento vulgar, da mesma veneração pelos objetos de pão ou pedra, que o povo da antiguidade tributava aos ídolos do paganismo. Com efeito, encarando a idolatria debaixo deste ponto de vista, independente da relação entre o *paganismo* e o *papismo*, nenhuma diferença se descobre entre estes dois sistemas, tanto pelas suas origens, como pelos seus efeitos. O herói da antiguidade gentílica, e o santo católico romano, foram elevados a receber honras de culto por um processo completamente semelhante [...].<sup>61</sup>

Concluindo-se seguidamente, que a igreja romana não era, por conseguinte, “uma igreja cristã”. A crítica de que o paganismo acabou por dominar e absorver o catolicismo romano, ofuscando a sua “simplicidade” seria repetidamente formulada nas páginas da imprensa protestante, onde simultaneamente se procurava apresentar o cristianismo evangélico como legítimo herdeiro daquele momento de pureza e genuinidade que o cristianismo primitivo representou. Nesse contexto, a civilização romana não se limita, naqueles jornais, a ser retratada como fonte de vícios, da idolatria ou da imoralidade ou como o

---

<sup>59</sup> Souza 1903: 13.

<sup>60</sup> N<sup>o</sup>A *Reforma* afirmava-se, em 1877: “Logo que Constantino declarou, no ano de 312, que o cristianismo era a religião do Estado, os interesses mundanos, mais do que uma conversão sincera, levaram muitos pagãos a confessá-lo; e, para que o cristianismo fosse melhor aceite pelo povo, condescenderam muitos padres com as predileções populares para visíveis objetos de culto, que não podiam de todo erradicar.” (D[ias] 1877e: 55-56); n<sup>o</sup>A *Luz e Verdade*, em 1907: “Devido ao esquecimento das palavras de Jesus: *o Meu reino não é deste mundo*, é que aos tempos idos se uniram dois Poderes: o poder civil e o eclesiástico. Fez esta aliança Constantino para ter por si as multidões cristãs.” (Martins 1907: 53).

<sup>61</sup> D[ias] 1877e: 55-56.

O regresso às origens do cristianismo no alvor do protestantismo português: a problemática da identidade romana na imagética protestante oitocentista

tempo das trevas a que se seguiu a luz, sendo ali pontualmente reconhecidos elementos positivos e construtivos.

Desde logo, noções como a da “heroicidade dos tribunos” ou da “virilidade romana”, a que se contrapunha a degenerescência das nações latinas, eram valorizadas, fazendo-se igualmente o elogio do “sangue de Catão”, da “voz de Séneca” ou da “língua de Cícero”<sup>62</sup> e destacando-se a reflexão deste último como luminosamente singular no seio da penumbra pagã:

O primeiro dos filósofos assim como dos oradores da antiga Roma, tinha ideias bem elevadas e bem puras sobre a *lei natural* quando dizia: ‘A verdadeira lei é a reta razão, e a voz da natureza comum a todos os homens; lei imutável e eterna, que nos prescreve os nossos deveres, e nos proíbe a injustiça.’ [...] Assim falava Cícero no terceiro livro da sua *Republica*. Lactância que nos conservou este fragmento, o achou tão apreciável, que o tratou como divino. Que linguagem! Que raio de luz no seio do paganismo!! Que palpável ignomínia não vem também a lançar sobre todos esses sistemas perversos, que confundem o bem e o mal e que fazem das regras dos costumes uma cousa puramente arbitrária?<sup>63</sup>

Essa busca de legitimação na Antiguidade Romana, ali integrada numa reflexão teórica sobre o direito natural, colocou-se também em termos muito práticos. Tendo promovido em Portugal uma verdadeira campanha a favor da observância do Domingo como dia santo e, simultaneamente, da instituição de um dia de descanso semanal<sup>64</sup>, os líderes protestantes socorreram-se também dos costumes e da legislação clássicas para fundamentar a necessidade de implementar essa prática em Portugal, explicando:

Os dois maiores filósofos que escreveram na antiguidade grega e romana, fazem menção disto. ‘Os deuses, diz Platão, comovidos do género humano, nos procuraram intervalos de descanso, na sucessão regular das festas instituídas em sua honra’. ‘Os dias de festa, conta Cícero, são dias de suspensão de trabalho para os escravos.’ A lei romana também dizia no código *de Festis*: ‘*Omnes iudices, urbanaeque plebes, et cunctarum artium officia quiescant.*’ Todos os juizes, todos os habitantes da cidade, e todos os operários devem descansar. Josefo escrevia que o uso da semana se tinha introduzido em quase todos os povos.<sup>65</sup>

---

<sup>62</sup> Cf. D[ias] 1877a: 2.

<sup>63</sup> D[ias] 1877c: 21-22.

<sup>64</sup> Cf. Leite 2021: 44-48.

<sup>65</sup> D[ias] 1878: 49-50.

Num âmbito mais lato, reconhecia-se até na civilização romana um tempo de “preparação para o cristianismo”, atribuindo-se ao “poder irresistível do império de Roma”, e às suas conquistas em “todo o mundo”, a instituição de uma “paz universal”, propícia à vinda do Messias e, simultaneamente, o mérito de ter sido responsável pela construção das vias de comunicação que permitiram conectar as partes mais distantes do império, essas mesmas ruas, afirmava-se, onde “os apóstolos e outros primeiros pregadores do cristianismo andaram anunciando o Evangelho”<sup>66</sup>.

Surge também naqueles textos a valorização das liturgias antigas (“dos primeiros séculos da era cristã”<sup>67</sup>), da hinologia (“da antiga Igreja Cristã”<sup>68</sup>), da doxologia ( com “origem nos tempos mais remotos do cristianismo”<sup>69</sup>) ou das primeiras traduções latinas das Escrituras e do “eminente sábio, Jerónimo” e da Vulgata Latina, cujo valor “foi reconhecido por eminentes sábios que lhe sucederam; e cerca do fim do século [IV], foi geralmente recebida em todas as Igrejas do Ocidente”<sup>70</sup>. Relativamente a este último ponto, o reconhecimento do papel das primeiras traduções bíblicas e da funcionalidade da Vulgata no seu tempo, não invalidava naturalmente que aquelas comunidades se mantivessem firmes da defesa do princípio fundamental no protestantismo do acesso livre e universal às Sagradas Escrituras, donde resultava a promoção da sua vulgarização nas línguas vernaculares.

A centralidade da Bíblia na vivência da fé cristã afirmava-se em oposição ao monopólio da interpretação das mesmas por parte de um sacerdócio clerical cuja legitimidade não era reconhecida pelos protestantes e que, de acordo com os mesmos, procurava manter o seu domínio também por via da manutenção da restrição do acesso à leitura das Escrituras na sua versão latina. A leitura e a divulgação da Bíblia desempenharam desde as origens um papel fulcral na evangelização protestante em Portugal, sendo que todos os pioneiros desse cristianismo reformado inauguraram a sua ação através da formação e integração de grupos de leitura e reflexão bíblica que acabaram posteriormente por se estruturar como comunidades protestantes. A problemática da livre interpretação das Sagradas Escrituras foi, de facto, a questão mais desenvolvida e sucessivamente repetida na literatura editada acerca do protestantismo em Portugal durante as suas primeiras décadas de implantação. Não surpreende portanto, que num artigo reveladoramente intitulado “A Igreja da Morte”, se declarasse em 1903:

---

<sup>66</sup> Harden 1904: 2.

<sup>67</sup> Cf. *O Bom Pastor* 1902: 2.

<sup>68</sup> Cf. Moreton 1906: 54.

<sup>69</sup> Cf. Coelho 1906–1907: 19.

<sup>70</sup> Santos 1905: 34-35.

Que diferença existe entre a Igreja católica e a Igreja protestante, chamando-se ambas cristãs? [...] Há tanta distância entre uma e outra Igreja, como entre a vida e a morte. Uma é representante da morte; a outra representa a vida. [...] O latim não é uma língua viva que nós podemos compreender viajando no país em que se fala essa língua; é uma língua morta que não se fala em nenhuma parte do mundo. E sabes qual é a Igreja que fala a todos em latim. Língua dos que já morreram? É a Igreja católica-romana. Em latim faz os seus cultos, em latim diz as suas missas, em latim batiza e em latim enterra. [...] Felizmente, que a Igreja protestante se não acha contagiada de tão grave falta. [...] Aos franceses fala-lhes em francês, aos ingleses em inglês, em espanhol aos espanhóis, em português aos habitantes de Portugal: a cada um em seu idioma para que todos entendam e deem conta do que se lhes diz [...]. Veja-se, pois, como a respeito de este primeiro ponto há entre ambas as Igrejas a diferença que há entre a vida e a morte; uma fala a língua dum povo morto, a outra a linguagem dos povos vivos.<sup>71</sup>

Este contraste, levado aqui ao extremo, tínhamo-lo encontrado em Benjamin Scott e encontrá-lo-emos em parte substancial da literatura protestante oitocentista e novecentista em Portugal.

Tendo-se desenvolvido como instrumento de coordenação, de propulsão de forças, de doutrinação e de evangelização, a imprensa protestante – periódica e não periódica – do século XIX e inícios do século XX constitui uma fonte essencial para a história religiosa do país, um facto geralmente destacado no âmbito das problemáticas da diversidade e concorrência no interior do cristianismo, do interdenominacionalismo evangélico e do ecumenismo cristão. A análise que agora se encerra, reforçando essa noção, evidencia também que aquela documentação funciona como via de acesso a uma diacronia mais lata, permitindo-nos recuar à Antiguidade Clássica, e a um contexto religioso mais amplo, não restrito ao universo cristão, mas alargado à amplitude de sistemas religiosos como o paganismo. Simultaneamente, fica também claro, que a história do protestantismo em Portugal – dos seus líderes, das suas comunidades e das reflexões que produziram – deve ser integrada no âmbito de uma história cultural abrangente, onde se dialoga com temáticas como a da Roma Antiga, quer por via da busca contínua de uma reforma entendida como regresso às origens, quer pela utilização recorrente de conceitos e autores clássicos, quer ainda pela desidentificação e oposição aberta relativamente a elementos específicos das suas características e da sua herança.

---

<sup>71</sup> *O Bom Pastor* 1903: 6.

## BIBLIOGRAFIA

- Baubérot, Jean (1978), *Histoire du Protestantisme*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Cassels, Diogo (1906), *A Reforma em Portugal*. Porto: Typ. José da Silva Mendonça.
- Coelho, João (1906 – 1907), “Doxologia (Definição e notas históricas)”, *A Luz e Verdade* 2 (15-16): 19.
- Cottret, Bernard (2001), *Histoire de la Réforme protestante. Luther, Calvin, Wesley XVIe XVIIIe siècle*. Paris: Perrin.
- D[ias], G[uilherme] (1877a), “O Jesuitismo no Porto. Cartas ao Ministro da Igreja Evangélica Metodista Portuense, o R.mo Roberto H. Moreton”, *A Reforma. Folha Evangelica* 1 (1): 2.
- D[ias], G[uilherme] (1877b), “O Jesuitismo no Porto. Cartas ao Ministro da Igreja Evangélica Metodista Portuense, o R.mo Roberto H. Moreton”, *A Reforma. Folha Evangelica* 1 (2): 6.
- D[ias], G[uilherme] (1877c), “A lei natural. Estudo”, *A Reforma. Folha Evangelica* 1 (6): 21-22.
- D[ias], G[uilherme] (1877d), “A Moral Universal”, *A Reforma. Folha Evangelica* 1 (6): 23.
- D[ias], G[uilherme] (1877e), “Idolatria”, *A Reforma. Folha Evangelica* 1 (9): 55-56.
- D[ias], G[uilherme] (1878), “Sobre o trabalho do Domingo”, *A Reforma. Folha Evangelica* 1 (13): 49-50.
- Delumeau, Jean (1994), *A Civilização do Renascimento*. Vol. 1. Lisboa: Editorial Estampa.
- Eleutério, João (coord.) (2022), *Uma anatomia do poder eclesiástico*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.
- Harden, João M. (agosto de 1904), “Trechos Históricos. A preparação para o cristianismo”, *Luz e Verdade* 3 (25): 2.
- Kerimel, Loïc de (2020), *En finir avec le cléricanisme*. Paris: Éditions du Seuil.
- Leite, Rita Mendonça (2009), *Representações do Protestantismo na sociedade portuguesa contemporânea: da exclusão à liberdade de culto (1852-1911)*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa.

O regresso às origens do cristianismo no alvor do protestantismo português: a problemática da identidade romana na imagética protestante oitocentista

- Leite, Rita Mendonça (2012), “Polaridades do campo protestante em Portugal”, in A. Teixeira (org.), *Identidades religiosas em Portugal. Ensaio Interdisciplinar*. Lisboa: Paulinas, 255-286.
- Leite, Rita Mendonça (2014), “Imprensa Protestante”, in M. F. Rollo (coord.), *Dicionário de História da I República e do Republicanismo*. Volume II: F – M. Lisboa: Assembleia da República, 400-402.
- Leite, Rita Mendonça (2019), *Livro, Texto e Autoridade. Diversificação religiosa com a Sociedade Bíblica em Portugal (1804-1940)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Leite, Rita Mendonça (2021), “A Sociedade Bíblica e a promoção da influência educativa e civilizadora da Bíblia no Portugal do século XIX”, *Lusitania Sacra* 39: 31-60.
- MacCullough, Diarmaid (2004), *Reformation. Europe’s House Divided 1490-1700*. London: Penguin Books.
- Maitland, Charles (1846), *The Church in the Catacombs. A description of the primitive Church of Rome, illustrated by its Sepulchral Remains*. London: Longman, Brown, Green and Longmans.
- Martins, J. P. (maio 1907), “Dois poderes”, *A Luz e Verdade* 2 (20): 53.
- Moreira, Eduardo (1957), *Crisóstomo Português. Elementos para a história do púlpito*. Lisboa: Publicação da Junta Presbiteriana de Cooperação em Portugal.
- Moreira, Eduardo (1958), *Vidas Convergentes. História Breve dos Movimentos de Reforma Cristã em Portugal, a partir do século XVIII*. Lisboa: Publicação da Junta Presbiteriana de Cooperação em Portugal.
- Moreton, Roberto H. (março de 1906), “Te Deum Laudamus”, *A Luz e Verdade* 1 (7): 54.
- O Bom Pastor* (maio 1902): 2.
- O Bom Pastor* (junho-julho-agosto 1903): 6.
- Poulat, Émile (1994), *La Galaxie Jésus*. Paris: Éditions ouvrières.
- Santos, E. J. dos (março de 1905), “Trechos Históricos. A Vulgata”, *Luz e Verdade* 3 (32): 34-35.
- Scott, Benjamin (1853), *The contents and teachings of the Catacombs at Rome; being a vindication of pure and primitive Christianity, and an exposure of the corruptions of Popery, derived from the Sepulchral Remains of the early Christians at Rome*. London: Longman, Brown, Green and Longmans.

Scott, Benjamin (1923), *As Catacumbas de Roma*. Tradução do inglês de José Luiz Fernandes Braga Júnior. Prefácio do Professor Alfredo da Silva. Porto: Livraria Progresso.

Souza, Josué F. de (Novembro 1903), “Destruir e edificar”, *Luz e Verdade* 2 (16): 13.

Valadier, Paul (1994), *Cartas a um cristão inquieto*. [s.l.]: Círculo de Leitores.